

Carta inédita

# Santa-Rita Pintor e Pessoa

*Santa Rita Pintor em defesa de Pessoa, num documento inédito que explica o estreitamento de laços verificados entre o futurista e os homens do «Orpheu».*

Nuno Júdice

O período que corresponde à publicação dos dois números únicos da revista «Orpheu», compreendido entre fim de Março e fim de Julho de 1915, está recheado de acontecimentos e polémicas de que apenas uma pequena parte — e a menos interessante, de resto — se encontra acessível, em complemento à edição das cartas de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, ou integrada na «Vida e Obra de Fernando Pessoa» de João Gaspar Simões. Tendo recolhido todo esse material para publicação próxima, dele escolhi um documento inédito que me parece documentar significativamente as relações que entre si mantinham os homens do Modernismo. Trata-se de uma carta de Santa Rita Pintor, publicada no jornal «A Nação», de 25 de Abril de 1915, na sequência de um incidente conhecido e que rapidamente resume:

Fernando Pessoa entrara no quadro de colaboradores de «O Jornal», diário dirigido por Boavida Portugal, publicando uma série de crónicas de opinião. Em 21 de Abril o assunto escolhido por Pessoa é a inauguração de uma «Associação de Classe dos Monárquicos», que ele toma como pretexto para atacar ferozmente o jornalista do órgão monárquico «A Nação» que, dias antes, ridicularizara não menos ferozmente a estética de «Orpheu 1»: «Assim, o facto de o Sr. Crispim, da Nação, nunca ter graça, não lhe deve ser levado a mal. Ele não



Santa-Rita Pintor, futurista e monárquico

a tem naturalmente. Também ninguém nasce *chauffeur* ou bailarino russo.»

É de crer que os monárquicos, com quem o director de «O Jornal» simpatizava, tenham protestado violentamente contra este artigo. A pressão terá sido tão forte que forçou Boavida Portugal a enviar uma carta à «Nação» com

«Sr. Director d'A Nação

A propósito do incidente que se levantou em volta da nota, relativa ao sr. Fernando Pessoa, publicada em um jornal da manhã do dia 22, julgo conveniente declarar que, conquanto monárquico apaixonado, nenhuma hesitação tive em me solidarizar com os amigos do sr. Fernando Pessoa — entre os quais figuravam, por exemplo, os srs. Mário de Sá-Carneiro, D. Tomás de Almeida e Luiz de Montalvor, tão monárquicos como eu — na atitude que tomaram perante o director do mesmo jornal: isto apenas em vista do meu interesse pela individualidade literária do senhor Fernando Pessoa, o grande artista do *Orpheu*, de quem sou amigo particular, sabendo por isso que, sempre que tem tratado de questões políticas, o tem feito sob um ponto de vista especialmente artístico.

A razão por que me apresso a prestar estes esclarecimentos à imprensa monárquica, é para evitar que, por má-fé, se conclua da minha prontidão em me solidarizar com os amigos do senhor Fernando Pessoa, que concordo com as ideias expendidas na sua crónica, onde são aparentemente visadas pessoas da minha maior consideração.

Empenhado pela publicação desta carta, sou, com todo o respeito,

Lisboa, 24 de Abril de 1915  
De V. etc.  
Santa Rita Pintor»



JORNAL DE LETRAS  
26/11/1985



*E porque não entrevistar Pessoa agora? Poucas pessoas vivas há mais vivas que Pessoa. Baptista-Bastos foi-lhe ao encontro, de caneta em riste...*



Entrevista imaginária

# Fernando Pessoa a Baptista-Bastos: "Sinto-me múltiplo e gosto de palavrar"

*Tinha entrevisto a sua sombra fugidia. Levava entre os dedos um cigarro, na outra mão papéis (poemas?), o olhar parecia ver para lá das coisas aparentes. Cumprimentei-o. Se o não cumprimentei, devia tê-lo feito. Conhecia-o mal: só de vista ou de bebermos um copo, no mesmo Val do Rio, ele bagaço, eu um abafado, sem lhe falar nunca. Por vezes, seguia-o: num alvoroço tímido, direi agora. Na leitaria, no Martinho, em frente à vitrina da Bertrand, na Clássica; outra vez no Val do Rio, e o passear à-toa, o caminhar paralelo ao Tejo que corria manso, belo e claro. Uma sombra fugidia, isso mesmo. Perdi-o de vista para sempre, num dia cinzento e mórbido: 30 de Novembro de 1935. Mais tarde, muito mais tarde, reencontrei-o vivo num longo e admirável texto de João Gaspar Simões, a quem para sempre fiquei a dever o meu conhecimento mais íntimo com o homem que bebia bagaço e que caminhava como se procurasse a sombra do próprio ser. Li-o devagar. Leio-o, ainda hoje, devagarosamente. Nunca soube muito bem o que nele procurava, o que nele pretendia de vozes remotíssimas e muito próximas. O homem chama-se Fernando Pessoa.*

JORNAL DE LETRAS  
26/11/1985

